

An aerial photograph of an archaeological excavation site. The ground is dark brown soil, and numerous light-colored, irregularly shaped stones and rocks are scattered across the area. A grid of thin white lines is overlaid on the site, indicating the layout of the excavation. A long, thin wooden rod or measuring tool is visible in the upper right quadrant. The overall scene is brightly lit, casting shadows on the ground.

AH

ARQUEOLOGIA & HISTÓRIA

Revista da Associação
dos Arqueólogos Portugueses
Volume 70

PALEOLÍTICO EM PORTUGAL
— NOVOS DADOS, NOVAS PERSPECTIVAS

Título

Arqueologia & História

13ª Série

Volume

70

Ano de Edição

2020

Ano Associativo AAP

2018

Edição

Associação dos Arqueólogos Portugueses

Largo do Carmo, 1200-092 Lisboa

Tel. 213 460 473 / Fax. 213 244 252

secretaria@arqueologos.pt

www.arqueologos.pt

Direcção

José Morais Arnaud

Coordenação

José Morais Arnaud e Andrea Martins

Design gráfico

Flatland Design

Fotografia da capa

Estrutura pétreia de Rôdo (Gomes *et al.* – artigo 6)

Impressão

Europress, Indústria Gráfica

Tiragem

300 exemplares

Depósito legal

73 446/93

ISSN

0871-2735

© Associação dos Arqueólogos Portugueses

Os artigos publicados nesta revista são da exclusiva responsabilidade dos respectivos autores.

ÍNDICE

5 Editorial

José Morais Arnaud

PALEOLÍTICO EM PORTUGAL – NOVOS DADOS, NOVAS PERSPECTIVAS

9 Análise comparativa entre o Acheulense de Grandes Lascas e o Acheulense “Tradicional” no Centro de Portugal

Alexandre Varanda

25 O aprovisionamento de matérias-primas líticas no centro da Península Ibérica no Paleolítico Médio – Estado da questão

Ana Abrunhosa, Belén Márquez, David M. Martín-Perea, Juan Luis Arsuaga, Alfredo Pérez-González, Enrique Baquedano

39 *Ground Stone Tools*: análise funcional quantitativa à escala macro e microscópica

Eduardo Paixão, João Marreiros

51 Cadeias operatórias do Paleolítico Médio da bacia do Arneiro

Nelson Almeida

75 Novos dados para a compreensão da ocupação humana na Fonte Santa (Torres Novas)

Luis Gomes

95 Contextos de descoberta e desafios do estudo dos sítios pré-históricos do Aproveitamento Hidroelétrico de Ribeiradio-Ermida

Sérgio Gomes, Lurdes Oliveira, Cristina Gameiro, Carmen Manzano, Alicia Ameijenda, Bárbara Costa, Sérgio Monteiro-Rodrigues, Alberto Gomes, Thierry Aubry, Henrique Matias

115 A Indústria lítica do Gravettense Médio do Vau (Médio Vouga): apresentação de dados preliminares

Carmen Manzano, Cristina Gameiro, Sérgio Gomes, Bárbara Costa, Alicia Ameijenda, Sérgio Monteiro-Rodrigues, Alberto Gomes, Thierry Aubry, Henrique Matias

133 Dinâmicas de vegetação no final do Pleistocénico e início do Holocénico no atual território português

Cláudia Oliveira, João Pedro Tereso

147 Contributos para a caracterização do período tardiglacial no Médio Vouga: a indústria lítica do Rôdo, Vau e Bispeira 8

Cristina Gameiro, Carmen Manzano, Barbara Costa, Alicia Ameijenda, Sérgio Gomes, Sérgio Monteiro-Rodrigues, Alberto Gomes, Thierry Aubry, Henrique Matias

171 Ensaçando interpretações para a arte de transição do Vale do Sabor

Sofia Soares de Figueiredo, Pedro Xavier

185 O povoamento humano durante o Tardiglacial na Bacia do Guadiana: revisão dos dados

Cristina Gameiro, Francisco Almeida

ARTIGOS

203 Artefactos cilíndricos de Vila Nova de São Pedro – a colecção do Museu Arqueológico do Carmo (Lisboa)

Andrea Martins, César Neves, Mariana Diniz, José Morais Arnaud

225 Pensar o consumo enquanto categoria de análise arqueológica: notas para uma abordagem social e cultural

Francisco B. Gomes

- 237 Arqueologia e a Sociedade Portuguesa: definições, papéis e perspectivas do Passado no Presente
Daniel Carvalho
- 255 Do Carmo a São Vicente – Parte I. Colóquio de Homenagem a Fernando E. Rodrigues Ferreira (1943-2014)
Mário Varela Gomes, Tânia Manuel Casimiro, Carlos Boavida
- 257 Manipulações cranianas da Gruta do Escoural (Montemor-o-Novo)
Mário Varela Gomes, Carlos Didelet Vasques
- 277 Os azulejos do Convento de Santana de Lisboa: primeira abordagem
Mariana Almeida, Rosa Varela Gomes, Mário Varela Gomes
- 295 Artefactos de azeviche do Convento de Santana de Lisboa
Mário Varela Gomes, Rosa Varela Gomes, Joana Gonçalves
- 313 A Batalha do Vimeiro numa perspectiva arqueológica
Rui Ribolhos Filipe
- 329 Fernando Rodrigues Ferreira e Conceição Machado: a propósito da questão da ocupação pré-portuguesa no arquipélago dos Açores
José Luís Neto

RELATÓRIOS

- 341 Associação dos Arqueólogos Portugueses. Relatório de Actividades da Direcção – 2018
José Morais Arnaud
- 347 Secção de Pré-História da AAP – Relatório de Actividades do Ano 2018
Mariana Diniz, César Neves, Andrea Martins
- 353 Secção de História da AAP – Relatório de Actividades do Ano 2018
João Marques, Teresa Marques, Carlos Boavida
- 357 Comissão de Estudos Olisiponenses – AAP. Relatório de Actividades do Ano 2018
Mário Varela Gomes, Tânia Manuel Casimiro, Carlos Boavida
- 365 Comissão de Arqueologia Profissional da AAP. Relatório de Actividades do Ano 2018
Jacinta Bugalhão, Rodrigo Banha da Silva, Miguel Lago
- 369 Comissão de Heráldica – AAP. Relatório de Actividades do Ano 2018
Pedro Sameiro, Lina Oliveira, João Portugal, Segismundo Pinto, Manuel Artur Norton
- 371 Vila Nova de São Pedro – de novo no 3º milénio (VNSP3000). Relatório de Actividades do Ano 2018
Andrea Martins, Mariana Diniz, José Morais Arnaud, César Neves

FERNANDO RODRIGUES FERREIRA E CONCEIÇÃO MACHADO: A PROPÓSITO DA QUESTÃO DA OCUPAÇÃO PRÉ-PORTUGUESA NO ARQUIPÉLAGO DOS AÇORES

José Luís Neto

Direção Regional da Cultura dos Açores / jlneto77@gmail.com

Resumo

Apresenta-se o relatório inédito, elaborado por Fernando Rodrigues Ferreira e Conceição Machado, acerca de inscrições alegadamente pré-portuguesas, descobertas em rochas na zona balnear da freguesia das Quatro Ribeiras, concelho de Praia da Vitória, na ilha Terceira, do arquipélago dos Açores, procurando contextualizar a problemática.

Palavras-chave: Açores, Fenícios, Atlântida, Pseudoarqueologia.

Abstract

Herein we present, a never before released analysis report, elaborated by Fernando Rodrigues Ferreira and Conceição Machado, regarding alleged rock inscriptions, dating from a period that predates Portuguese presence on the Azores archipelago. These marks were discovered on the Quatro Ribeiras seafront area, on the Praia da Vitória County, in Terceira Island. The paper attempts to contextualize the ensuing problematic that surround this issue.

Keywords: Azores, Phoenicians, Atlantis, Pseudoarcheology.

1. INTRODUÇÃO

Poder associar-me, mesmo que não presencialmente, neste colóquio de homenagem a Fernando Rodrigues Ferreira, em boa hora organizado pela Comissão de Estudos Olisiponenses, nesta que é casa-mãe da Arqueologia Portuguesa, traduz-se, simultaneamente, em honra e privilégio.

Procurarei colocar, no devido contexto, a minha relação com o homenageado. Já sabia, nessa altura, que arqueólogo era o que desejava ser na vida. Havia iniciado esse caminho ainda antes, quando acompanhei, minha mãe, em prospeção a Terraços Quaternários, em Almourol, onde aprendi que nem todas as pedras eram iguais: havia a possibilidade de entrever significados profundos, no aparentemente invisível. Depois, pelas mãos de Guilherme Cardoso e de José d'Encarnação, participei, pela primeira vez, em escavações arqueológicas, na *villa* de Freiria, em Cascais, vaticinando, logo ali, que essa era a minha escolha de vida.

Viviam-se tempos agitados, revolucionários até, na Arqueologia Portuguesa. Recordo-me perfeitamente da discussão, nesta mesma casa, sobre o tema de todas as fraturas – umas gravuras, ainda de datação algo incerta, que, para uns, não sabiam nadar, para outros, eram *waterproof*, como para o distintíssimo Senhor Presidente da República cessado, de vez, na semana transata. *Beati pauperes spiritu*. Vivi a batalha do “Côa”, com muitíssima mais paixão, do que razão, expetável num adolescente, e que considero fundamental nesse processo educativo.

A propósito de banhos, recordo igualmente que, enquanto começava, também se discutia acesamente, o horripilante Decreto-Lei n.º 289/93, maquinado por Santana Lopes, com vista à privatização dos mares, enquanto os, apropriadamente, cognominados “caçadores de tesouros”, desfilavam entre os palácios governativos de Lisboa e dos Açores. Lembro-me dessa batalha, travada entre os gabinetes de advocacia, que desenham ainda as leis da nação, tendo, como oponentes, o Museu Nacional de Arqueologia e a Arqueonáutica, uma pequena associação. *Audaces fortuna juvat*. Com menos ho-

lofotes mediáticos mas, da mais elementar justiça, marcando-me profundamente, assisti também, em Braga, aquando do *II Encontro de Arqueologia Urbana*, ao PREC dos alunos, da então recém-criada Escola Profissional de Arqueologia, no Freixo, em Marco de Canaveses, que pugnavam pelo reconhecimento dos seus diplomas de técnicos profissionais.

Tudo tinha muito mais graça, do que quando assistira, pela primeira vez, a um encontro de arqueologia, as *IV Jornadas Arqueológicas*, nesta mesma casa, três anos antes, em 1991.

Quando conheci Fernando Rodrigues Ferreira, em 1994, estava a viver tudo isto com manifesto entusiasmo. Comecei a colaborar, na escavação de São Vicente de Fora, até entrar no curso de História, variante de Arqueologia, na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, da Universidade Nova de Lisboa. Aos sábados, invariavelmente, lá estávamos. Ali pude ir, aos poucos, aprendendo e desenvolvendo essa ligação entre o olho, a mão e a terra. Se, invariavelmente, no verão ia para Freiria, no inverno, ia para São Vicente de Fora. Assim era para mim a arqueologia. Complementava esse quotidiano com a organização da biblioteca da Associação da Casa-Memória de Camões em Constância, em privilegiadíssimo contato com Manuela de Azevedo e acompanhava a minha mãe e Luís Lopes, nos múltiplos estudos que faziam, um pouco por todo o país, decodificando ossos, relíquias e múmias. Enredado em rotinas culturais e científicas, arditamente urdidas por minha mãe, das quais só me apercebi da intencionalidade muitos anos depois, alternava entre coletivos que fervilhavam ideias e saberes, enquanto estava em gestação. Ainda no primeiro ano da faculdade, integrei a equipa de Rodrigues Ferreira, na 1.ª fase da escavação deste mesmo edifício, com quase todos os que me arquitetaram.

Depois parti, parti do ninho seguro, responsabilizei-me pelas escolhas, trilhei outros caminhos, novas geografias, renovados rostos e descobri mundo, até obter licença de trabalho institucional. Para outro dia ficará a história dessa aventura e descoberta do para lá da linha Lisboa-Cascais. Porém, hoje, o que me traz aqui, o que nos trás a todos

aqui, é celebrar um investigador, que foi meu mestre, numa época em que se consideravam absolutamente extintos, numa arqueologia urdida de afetos, dificilmente exprimível.

O objetivo único, ao apresentar a presente comunicação, é procurar demonstrar que a ação do investigador, embora se tenha centrado em Lisboa e no Alentejo, não foi exclusiva de dois locais e assim, mais justamente, homenageá-lo. O relatório, da autoria de Fernando Rodrigues Ferreira e Conceição Machado, que integra o processo n.º 40 da Carta Arqueológica dos Açores, intitula-se “As inscrições da pedra das Quatro Ribeiras, em Angra do Heroísmo” e data de 5 de agosto de 2011. Possui quatro páginas de texto, acrescidas de três com imagens, num total de sete.

O processo n.º 40 foi aberto no início do ano de 2004, quando Antonieta Costa, antropóloga, escreveu uma carta à Direção Regional da Cultura, para informar da descoberta de umas formações rochosas nas Quatro Ribeiras, concelho de Praia da Vitória, na ilha Terceira, do arquipélago dos Açores, que aparentavam estranhas configurações. Aludiu, nessa informação, ter consultado Vítor Hugo Forjaz, Francisco Cota Rodrigues e Eduardo Brito, académicos que, supostamente, afirmaram que se deveria investigar melhor tais formas. Alegadamente, teria também contactado Catarina Garcia, arqueóloga ao serviço da Direção Regional da Cultura que, do mesmo modo, haveria emitido semelhante opinião. Mais informou, que iria dar conhecimento à comunicação social, que já lhe haveria solicitado informações, sobre o estranho caso.

Por não dispor de técnicos especializados, a Direção Regional da Cultura solicitou a colaboração da Universidade dos Açores e do Instituto Português de Arqueologia. Tanto a primeira, como o segundo, concluíram que se tratava de erosão natural, com formas curiosas, mas apenas isso. Outros paralelos existiam, pelo que, apesar de invulgar, não se tratava de um fenómeno desconhecido.

O assunto estaria esclarecido, não fôra o fato de, entre a informação de Antonieta Costa e a resposta da Direção Regional da Cultura, ter passado

quase um ano, pelo que, tendo a achadora dado conhecimento à comunicação social, a curiosidade estava criada. Foi-se acentuando, à medida que os especialistas, das mais diversas disciplinas científicas, iam sendo entrevistados, dizendo uns que sim e outros que não.

Até ao parecer oficial muito se especulou. De eventual hipotética ação antrópica, passou-se à ideia de que eram letras (seguramente humanas, como não podia deixar de ser), depois de que essas grafias correspondiam a fenícios, pelo que, aquando da resposta à achadora, já ninguém queria saber do parecer institucional, já não existia a menor dúvida que os fenícios por ali tinham andado, pelo século II a. C., e que só restava reescrever toda a história dos Açores, pois partia de pressupostos claramente errados.

A vinda dos fenícios aos Açores não se pode dizer que fosse propriamente uma questão nova. Regista-se em Quinhentos, a primeira referência a essa possibilidade, pela pena de Damião de Góis, em 1567, na sua crónica de D. João II, capítulo IX. Desde muito cedo, os cronistas da história insular, sentiram a necessidade de a englobar nos capítulos das suas obras, habitualmente nas partes, entre o mito, o mítico e o brumoso. Se, por um lado, Platão indicava que a Atlântida ficava “para lá das Colunas de Hércules”, num mundo que se concebia como pós-diluviano, herdeiro da Arca de Noé, que tomava como facto histórico universalmente verificável, havia, por outro, que explicar, à luz dos instrumentos de conhecimento disponíveis à época, a existência de gentes no continente americano. E é lá, nesse mesmo continente, que reside o cerne da questão. Aliás, é lá que se projeta a utopia Morusiana, o que não resulta accidental.

É, especialmente, na segunda metade de Oitocentos que se dá a descoberta do mundo. Os limites definitivos dos continentes são desenhados no século anterior mas, a penetração terrestre é apenas efetivada nesse. As grandes explorações foram nesse século: na África Subsaariana, entre 1849 e 1889, com a *African Association*, no deserto do Sahara, entre 1850 e 1900, na Alta-Ásia, entre 1870 e 1875 e nas Américas, entre Humboldt (1789-1804)

e 1924. Só com Geoffrey Saint-Hilaire (1772 – 1844) se coloca a hipótese de homens fósseis; com H. Milne Edwards (1800 – 1885) se cria a Etnologia e, só em 1859, Charles Darwin publicou o *Da origem e evolução das espécies*. Com o fim do criacionismo, ultrapassado pelo evolucionismo, ganhou o Estreito de Bering, afundando de vez a Atlântida da discussão científica. O Tenente Coronel José Agostinho, em 1946, em interessante artigo, passou o “certificado de óbito” da eventual ocupação pré-portuguesa no arquipélago dos Açores.

A Atlântida passou para o campo da criação cultural, que nunca mais abandonou, desmaterializando-se e universalizando-se. Os romancistas franceses Pierre Benoit (autor de “L’Atlantide”, publicado em 1919) e Paul Morand (autor de diversos romances histórico-mitológicos) ter-se-ão deslocado ao arquipélago, na sua busca pela Atlântida. António Quadros, Agostinho da Silva e Natália Correia, na criação de arquétipos para a cultura portuguesa, não deixaram de parte o belo mito. Aventureiros, como os quatro alemães, que nos princípios de agosto de 1964, alcançaram Vila do Corvo, anunciando que desejavam encontrar a “estátua do cavaleiro que apontava para poente”, narrada por Damião de Gois, são evidentes exemplos dessa pervivência.

A questão do eventual povoamento pré-português do arquipélago ressurgiu, a partir do final da década de 70 do Século XX, por arqueólogos, já noutro quadro cultural, o da discussão das navegações atlânticas no contexto cronológico das civilizações da antiguidade. Em 1978, Patricia e Pierre Bikai, arqueólogos americanos, deslocaram-se à ilha do Corvo, contando com o apoio de Manuel de Sousa d’Oliveira, arqueólogo açoriano, que se encontrava na altura a fomentar a atividade científica no arquipélago, com os seus trabalhos em Vila Franca do Campo, ilha de São Miguel. Durante oito dias, realizaram prospeções ao sul da ilha, sem quaisquer resultados obtidos, no que procuravam: os testemunhos de ocupação humana da antiguidade, naquela ilha. A investigação que realizaram alude várias situações históricas onde se identificaram, no Atlântico, figuras mitológicas que avisavam os marinheiros

sobre os perigos do oceano. A lenda da estátua equestre corvina, segundo estes, estaria diretamente relacionada com essas representações antigas, que influenciaram o pensamento dos povoadores portugueses, na silhueta da formação rochosa da “Ponta do Marco” (Bikai & Bikai, 1990).

Benedikt Isserlin, investigador alemão da Universidade de Leeds, em 1983 conduziu uma nova prospeção na ilha do Corvo e, tendo regressado em 1986, desta vez acompanhado por Lawrence Butler, diretor do Centro de Estudos Arqueológicos da Universidade de Leeds, e Rui Sousa Martins, investigador da Universidade dos Açores, ali realizando sondagens, na Ponta Negra, cujos resultados foram a constatação da não-existência de civilizações da antiguidade, no local onde trabalharam. Na sua publicação, na “Rivista di studi Fenici”, tendo por base uma análise da crónica de Damião de Gois e do texto de Podolijn, explica detalhadamente a sua metodologia (Isserlin, 1984).

Um dos principais problemas para uma aceitação da presença fenícia no arquipélago açoriano tem sido a questão técnica da navegação púnica. Os navios a remos e de armações mais frágeis, da Antiguidade, não seriam capazes de enfrentar o perigoso oceano Atlântico. Isserlin, não contrapondo as dificuldades de navegação direta, chama a atenção para a “volta pelo largo”, uma corrente marítima, e para a conjugação de ventos que liga as Canárias aos Açores e a Portugal Continental, muito utilizada pelos marinheiros portugueses quatrocentistas, contornando pela América, o Mar dos Sargaços. A chegada de marinheiros mediterrânicos ao arquipélago dos Açores teria sido, talvez, tecnicamente possível, o que não significa que tal tenha, realmente, acontecido.

Outros investigadores, esporadicamente, vêm colocar estas mesmas questões, casos de Lionel Casson, professor emérito da Universidade de Nova Iorque (1990). Ainda relativamente recente, realizada entre 12 e 16 de outubro de 2014, Sir Barington Cunliffe, arqueólogo e docente jubilado da Universidade de Oxford, participou numa visita à ilha Terceira, com a intenção de reconhecer vestígios que comprovassem uma alegada colonização

na Antiguidade. Em conferência, na Câmara Municipal de Angra do Heroísmo, mencionou o caso corvino como uma das evidências para sustentar a eventual hipótese, afirmando, contudo, que as hipóteses atuais não faziam prova científica.

Todavia, o processo n.º 40 da Carta Arqueológica dos Açores, se aparentemente tem similitudes, por um lado, com hipóteses em aberto no campo da investigação na história das civilizações da antiguidade – no caso, de uma área muito restrita, que é a da navegação atlântica – por outro, também o tem com o campo da criação cultural, intuindo-se-lhe, por vezes, ressonâncias das seculares hipóteses criacionistas.

Ora, Antonieta Costa, antropóloga e Félix Rodrigues, físico, foram quem, após o parecer oficial, continuaram a defender, de forma mais ou menos clara, que não se deveria abandonar a hipótese fenícia, para a explicação da pedra das Quatro Ribeiras, sendo que, entre 2004 e 2005, se haviam identificado mais eventuais inscrições. Félix Rodrigues, num artigo “Terão os fenícios descoberto os Açores?”, editado no seu blog “Desambientado”, referido no relatório de Fernando Rodrigues Ferreira e Conceição Machado, como um dos principais motivos da missão empreendida aos Açores, dizendo:

“Recentemente foi aventada a hipótese de se terem encontrado caracteres fenícios em rochas nas Quatro Ribeiras, na ilha Terceira. Alguns desses hipotéticos caracteres fenícios foram fotografados. Os caracteres fenícios foram identificados como sendo: O primeiro símbolo da esquerda para a direita representa água, o segundo, com a circunferência um pouco mais fechada representa uma cabeça, o terceiro, se invertido, representa palma da mão, e de novo, o último, a água. Que mensagem poderá ser essa? “Um homem, vindo pela água, conseguiu, com muito esforço, aqui chegar”? Outra rocha “continha” os seguintes caracteres. O primeiro carácter representa um anzol e o segundo um camelo. A mensagem será “Um homem do Norte de África arriscou-se a pescar neste mar”? Foi observada outra rocha contendo a simbologia seguinte. Cujo símbolo em fenício repre-

sentava um marco. As mensagens parecem confusas, porque a interpretação também o é. Se se referir que as imagens foram obtidas aleatoriamente nas Quatro Ribeiras, com a intenção de captar apenas fraturas das rochas, e que essa simbologia era desconhecida do autor das fotografias, a escrita fenícia não será mais do que uma escrita da própria natureza. A confusão entre uma fratura rochosa e a escrita fenícia dependerá exclusivamente dos olhos de quem a vê. Assim, a escrita hebraica encontrada numa gruta de S. Miguel na altura das descobertas, muito semelhante à escrita fenícia que aqui se apresenta, poderá ter sido “fraturas rochosas pouco habituais”. E a estátua equestre da ilha do Corvo? O Tenente Coronel José Agostinho tentou demonstrar que essa era uma ilusão de óptica. Aos Açores foram atribuídos vários nomes estando associados inúmeros acontecimentos da mitologia grega. Talvez por isso mesmo, devido a esse misto de lenda e realidade, que os testemunhos históricos incorporam, os relatos não têm merecido o devido respeito científico. Será que os Açores foram descobertos pelos fenícios? Continuamos a necessitar de provas.” (Rodrigues, 2005).

Fernando Rodrigues Ferreira e Conceição Machado concluíram coisa distinta, como se depreende do relatório que se passa a apresentar:

“Os Açores constituíram-se, desde a generalização da discussão, durante o século XIX, sobre a localização da Atlântida, um dos centros das atenções dos “investigadores” que proliferam nestes domínios do saber rápido...Passaram então a ser o centro mítico de variadíssimos fenómenos, a que não são estranhas as aparições de óvnis.

Ainda hoje, a despeito de um conhecimento profundo que existe sobre estas ilhas atlânticas, designadamente sobre a sua génese geológica recente, há quem teime, aparentemente sem factos baseados em achados arqueológicos ou testemunhos documentais, em encontrar, nas várias ilhas do arquipélago, vestígios egípcios, fenícios, pré-históricos, gregos e outros, ao sabor do momento e da ocasião.

Mais recentemente voltaram à liça, as histórias

da estátua do cavaleiro e das moedas cartaginesas (?) ou fenícias, encontradas num recipiente cerâmico e tudo misteriosamente desaparecido, apesar dos vestígios documentais exibidos.

Pretende-se insistentemente provar uma colonização anterior à presença dos portugueses, como se disse dependesse a atribuição de um estatuto especial àquela parcela de território nacional.

Paralelamente, mas sem contaminação aparente, foram-se sucedendo, em território nacional continental, achados com escrita pré-romana, sobre suporte de pedra, com utilização do alfabeto fenício ou seus derivados. A escrita do Alvão, as lápides com escrita do Sudoeste, as inscrições da Almofadinha, entre muitas outras em menor quantidade. As tentativas de leitura e interpretação das mensagens que estas inscrições veiculam, têm ao longo dos séculos desafiado não apenas as mentes mais ilustres da Península Ibérica, como os trabalhos mais eruditos e rebuscados. Se o seu mutismo parece resistir, o mesmo não se pode dizer das fantasiosas leituras que têm, cada vez com maior insistência, tentado clamar o fim da sua impenetrabilidade!

As Ilhas dos Açores não podiam, no meio desta agitação em que se movem os candidatos a investigadores, ficar a recato das suas investidas. Na ausência, pelo menos devidamente comprovada, de escrita pré-romana naquelas Ilhas, têm-se tentado dar leitura a fenómenos geológicos que se manifestam por fissuras mais ou menos profundas e extensas que com frequência surgem nas rochas de origem vulcânica.

O que me suscitou interesse e alguma curiosidade sobre este fenómeno açoriano, deve-se à circunstância de existir um autor, parcialmente meu homónimo, e cujo nome aparece nos meios de comunicação social, associado à leitura e eventual tradução, em que se misturam prodigamente hieróglifos egípcios com escrita fenícia, da já famosa Pedra das Quatro Ribeiras. Frequentemente sou abordado por conhecidos, menos prevenidos, que me vêm perguntar se eu estou certo de que aqueles sinais são efectivamente símbolos alfabetiformes. Pronta e vivamente declino a responsabilidade sobre a minha autoria

nos respectivos pareceres. Para definitivamente deslindar o que existe de realidade sobre a pretensa inscrição fenícia, decidi deslocar-me aos Açores, com essa finalidade primeira; se sobrasse algum tempo, gozaria uns dias de merecido descanso.

Solicitámos por escrito, autorização à Direcção Regional da Cultura – Divisão do Património Móvel e Industrial, em Angra do Heroísmo. Fui prontamente autorizado por aquela Direcção Regional a observar a famosa “Pedra das Quatro Ribeiras”, cuidadosamente guardada nas suas instalações. Fomos recebidos, em 7 de junho de 2011, pela nossa colega Dr.^a Ana Catarina Abrantes Garcia que foi, a todos os níveis, incedível na sua colaboração e disponibilidade.

A rocha em assunto é um fragmento de basalto, grosseiramente cúbico, com cerca de 0,45 m de “aresta” – Figura 1.

Trata-se de um fragmento externo de uma escorrença basáltica, que terá iniciado um arrefecimento exterior suportando ainda algumas pressões da massa ígnea interna, que lhe provocaram múltiplas fissuras externas, bem visíveis na Figura 2.

Este fragmento de basalto, porque muito fissurado, ter-se-á desprendido do bloco que integrava e ficou depositado na areia da praia das Quatro Ribeiras, mantendo virada para cima e fora da areia a face onde são “reconhecidos” símbolos alfabetiformes fenícios.

Perante a insistência de várias fontes que clamavam pela preservação daquele testemunho, a Direcção Regional da Cultura, em colaboração com a Força Aérea, mandaram proceder à sua evacuação por helicóptero.

Na presença da pedra, que observámos atentamente com luz rasante e instrumentos de ampliação óptica, verificámos o seguinte:

1 – Trata-se de um fragmento de basalto, profundamente fendido no sentido do exterior da sua massa para o interior, por fissuras de várias dimensões que se vão estreitando no mesmo sentido, sendo nalguns casos de difícil observação.

2 – Várias destas fissuras, por força de agentes externos, designadamente aquecimento diurno e

arrefecimento nocturno, águas pluviais ou do mar, vento, múltiplas percussões com outras pedras existentes no mesmo meio, tornaram-se mais largas, evidenciando, até em observação macroscópica, a sua génese e a total ausência de abrasão necessariamente provocada por um instrumento, se houvessem sido executadas por mão humana – Figura 3.

3 – Na Figura 4 representamos, em macrofotografia, com uma ampliação de 15 vezes, o interior dos sulcos de dois dos prováveis sinais alfabéticos, em que se se verifica perfeitamente a irregularidade das fissuras que são compatíveis com processos naturais de fissuração.

4 – Na Figura 5 representamos o corte A-B da parte terminal superficial das fissuras mais evidentes à superfície da rocha e que têm sido consideradas vestígios de escrita. Constata-se pela irregularidade das suas paredes e pela sua sinuosidade, que não são definitivamente compatíveis com sulcos efectuados com intencionalidade. São fissuras resultantes de uma génese natural.

5 – Na Figura 6 representamos um decalque, efectuado com acetato gel, utilizando a técnica própria para o efeito, e que permite, com toda a clareza estudar os fenómenos que os agentes meteóricos exerceram sobre a pedra, e de que resultaram o conjunto concordante de fissuras com aquele perfil. Anotámos ainda as fissuras mais evidentes e visíveis na superfície da pedra e que evoluíram nas proximidades das falsas insculpturas alfabéticas.

Concluimos assim que a pedra das Quatro Ribeiras publicada na Internet com caracteres de inspiração fenícia desenhados em decalque – Figura 7, não passa de um fragmento de basalto naturalmente fissurado no seu processo de arrefecimento, e cujas fissuras alargadas por agentes meteóricos exteriores, onde não será de excluir a episódica intervenção de passeantes, não são compatíveis com qualquer sinal que possa ser interpretado como resultado de uma acção humana, muito menos com a intencionalidade de grafar qualquer mensagem, nem grosseiramente evocam símbolos alfabéticos de signos conhecidos.

Lisboa, 5 de agosto de 2011.”

BIBLIOGRAFIA

AGOSTINHO, José (1946) – *Achados arqueológicos nos Açores*: Angra do Heroísmo, Tipografia Andrade (separata).

BIKAI, Patricia M.; BIKAI, Pierre M. (1990) – Timelines: A Phoenician Fable. *Archaeology*, Vol. 43, No. 1, Janeiro-Feveiro. Long Island: Archaeological Institute of America, pp. 20, 22-23, 84.

CASSON, Lionel (1990) – Setting the Stage for Columbus – Archaeological explorations at Corvo. *Archaeology*, Vol. 43, No. 3 _Maio-Junho. Long Island: Archaeological Institute of America, pp. 50-55.

FERREIRA, Fernando Rodrigues e MACHADO, Conceição (2011) – As inscrições da pedra das Quatro Ribeiras, em Angra do Heroísmo. Inédito.

GÓIS, Damião de (1977) – *Crónica do Príncipe D. João*. Série Ciências Humanas e Sociais, n.º 5, Universidade Nova de Lisboa. Lisboa.

ISSERLIN, B. S. J. (1984) – Did carthaginian mariners reach the Island of Corvo (Azores)? Report on the results of joint field investigations undertaken on Corvo in June, 1983. *Rivista di Studi Fenici*, 12. Roma: Instituto per la Civiltà Fenicia e Punica, pp. 31-46.

RODRIGUES, António Félix – Terão os fenícios descoberto os Açores? [disponível em linha <http://desambientado.blogspot.pt/2005/11/tero-os-fencios-descoberto-os-aores.html>]



Figura 1 – Ferreira e Rodrigues (2011).



Figura 2 – Ferreira e Rodrigues (2011).



Figura 3 – Ferreira e Rodrigues (2011).

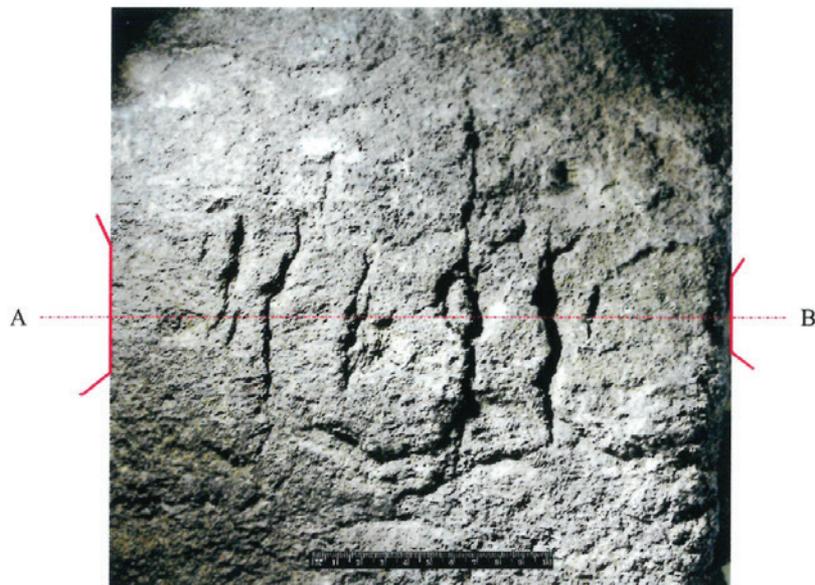


Figura 4 – Ferreira e Rodrigues (2011).



Figura 5 – Ferreira e Rodrigues (2011).

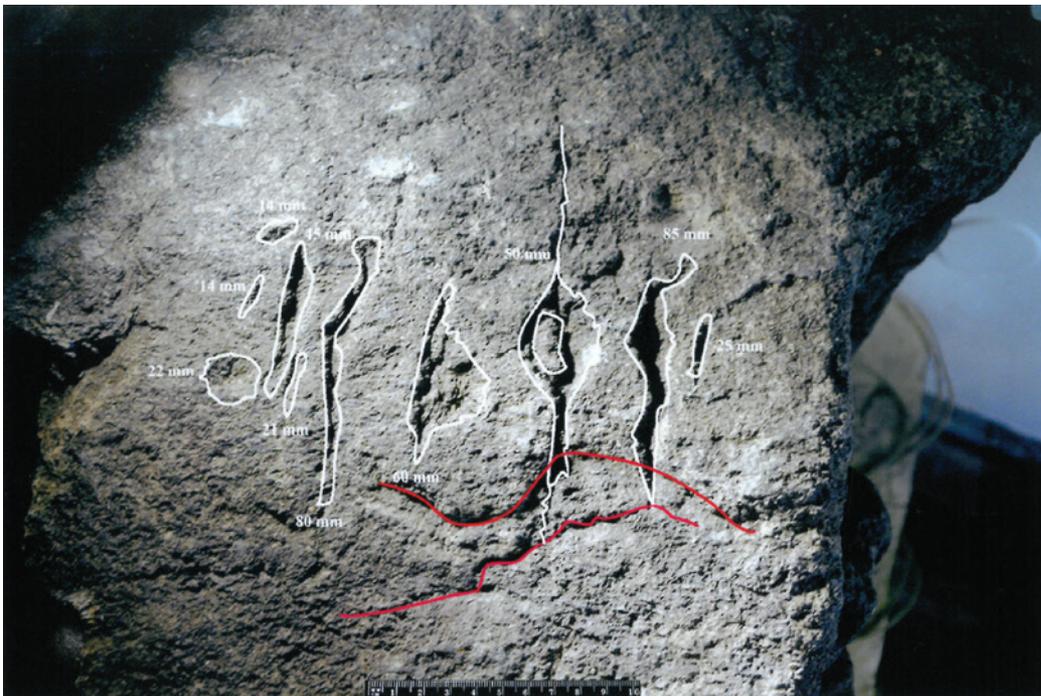


Figura 6 – Ferreira e Rodrigues (2011).



ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES
1863-2020

www.arqueologos.pt